

AS RELAÇÕES DE GÊNERO DENTRO DA ESCOLA: CONSTRUINDO ESPAÇOS DE DEBATE¹

Rosemere Olimpio de Santana, Universidade Federal de Campina Grande(UFCG)

rosemere.o.santana@hotmail.com

RESUMO

São inúmeros os relatos sofridos no interior das próprias escolas envolvendo agressões e sequelas psicológicas graves por conta do desconhecimento e do pouco espaço que as escolas possuem para as discussões envolvendo a temática de gênero. Nesse sentido, mostrar que as relações de gênero e sexualidade, longe de ser um fenômeno natural, é, ao contrário, profundamente suscetível às influências sociais e culturais é objetivo desse trabalho. É a sociedade e a cultura que designam se determinadas práticas sexuais são apropriadas ou não, saudáveis ou doentias. Nesta perspectiva, as relações de gênero e a sexualidade são uma construção social, assim, conhecer os variados contextos históricos em que mudanças aconteceram com relação ao comportamento sexual e social dos indivíduos se faz necessário e urgente. Diante disso, o nosso objeto é discutir como o projeto de extensão aprovado pela PROPEX tem desenvolvido algumas ações nas escolas do município de Cajazeiras. A ideia é fortalecer a relação entre as escolas selecionadas e a universidade, produzindo uma relação significativa para todos os sujeitos envolvidos. As questões que envolvem o tema das relações de gênero estão presentes no cotidiano escolar e a partir das ações, bolsistas e voluntários, podem produzir juntos, a partir das discussões em torno de uma estratégia política cultural, um conhecimento reflexivo e significativo para a prática docente.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Escola; Extensão.

GENDER RELATIONS WITHIN SCHOOL: BUILDING DEBATE SPACES. ABSTRACT

There are innumerable reports within the schools themselves involving aggressions and serious psychological sequels due to the lack of knowledge and the lack of space that the schools have for the discussions involving the theme of gender. In this sense, to show that the relations of gender and sexuality, far from being a natural phenomenon, is, on the contrary, deeply susceptible to social and cultural influences is the objective of this work. It is society and culture that determine whether certain sexual practices are appropriate or unhealthy or unhealthy. In this perspective, gender relations and sexuality are a social construction, so knowing the varied historical contexts in which changes occurred in relation to the sexual and social behavior of individuals becomes necessary and urgent. In view of this, our object is to discuss how the extension project approved by PROPEX has developed some actions in the schools of the municipality of Cajazeiras. The idea is to strengthen the relationship between the selected schools and the university, producing a significant relationship for all the subjects involved. The questions that involve the subject of gender relations are present in the daily school life and from actions, scholarship and volunteers, can produce together, from the discussions around a cultural political strategy, a reflective and meaningful knowledge for the teaching practice .

¹ O presente trabalho faz parte do projeto de extensão vinculado a PROPEX – Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da UFCG.

KEYWORDS: Gender, School, extension

LAS RELACIONES DE GÉNERO DENTRO DE LA ESCUELA: CONSTRUYENDO ESPACIOS
DE DEBATE
RESUMEN

Son innumerables los relatos sufridos en el interior de las propias escuelas involucrando agresiones y secuelas psicológicas graves por el desconocimiento y el poco espacio que las escuelas poseen para las discusiones involucrando la temática de género. En ese sentido, mostrar que las relaciones de género y sexualidad, lejos de ser un fenómeno natural, es, al contrario, profundamente susceptible a las influencias sociales y culturales es objetivo de ese trabajo. Es la sociedad y la cultura que designan si ciertas prácticas sexuales son apropiadas o no, sanas o enfermizas. En esta perspectiva, las relaciones de género y la sexualidad son una construcción social, así, conocer los variados contextos históricos en que los cambios ocurrieron con relación al comportamiento sexual y social de los individuos se hace necesario y urgente. Por eso, nuestro objeto es discutir cómo el proyecto de extensión aprobado por la PROPEX ha desarrollado algunas acciones en las escuelas del municipio de Cajazeiras. La idea es fortalecer la relación entre las escuelas seleccionadas y la universidad, produciendo una relación significativa para todos los sujetos involucrados. Las cuestiones que involucran el tema de las relaciones de género están presentes en el cotidiano escolar ya partir de las acciones, becarios y voluntarios, pueden producir juntos, a partir de las discusiones en torno a una estrategia política cultural, un conocimiento reflexivo y significativo para la práctica docente .

PALABRAS CLAVES: Género, Escuela, Extensión.

INTRODUÇÃO

Os Projetos Pedagógicos dos cursos de Licenciatura do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande passaram por reformulação, quase que no mesmo período, final da década de 2010, acompanhado de um contexto de reflexões e mudanças nos cursos de licenciatura em todo o Brasil. Nesta perspectiva, algumas mudanças foram efetivadas e a inclusão de discussões em torno da diversidade cultural assumiu maior importância. No entanto, enfrentamos problemas que impossibilitam essa reflexão de forma mais atuante na vivência do futuro docente.

Por isso, entendemos que discutir e debater as relações de gênero na escola aborda uma das tantas temáticas que os cursos de licenciatura não conseguem envolver, até porque como afirma Caimi a formação docente requer tempo para se consolidar e não pode prescindir de uma atitude reflexiva do professor “ao longo de sua atuação profissional, da interlocução com seus pares, da busca de referenciais teóricos que possam afirmar, afrontar ou refutar as

práticas cotidianas da sala de aula”. Entendemos assim, que a formação inicial não se dá apenas no decorrer da integralização do currículo dos cursos, mas também nos outros espaços de debate e formação como é a extensão.

Além disso, o contato direto com as escolas através do PIBID e dos Estágios tem demonstrado que a discussão sobre gênero é ainda pouco realizada e que as escolas possuem dificuldades em trabalhá-las. Presenciamos atualmente a luta de diversos grupos sociais para se fazerem presentes nos currículos escolares que por séculos foram excluídos. Trata-se dos negros, mulheres, crianças, idosos, jovens, indígenas e tantos outros que pouco ou quase nada são contemplados em nossos discursos escolares e especificamente no Ensino de História. A partir de um apanhado geral nas escolas da Rede Municipal e Estadual da cidade de Cajazeiras percebemos que essa carência é latente, não há um espaço de problematização e produção das diferenças.

A principal queixa das escolas é que se sentem “engessadas”, se não pela direção, por parte dos próprios alunos que se prendiam as regras que a ordem cis-heteronormativa impõe. Além disso, algumas dificuldades eram percebidas tanto para falar sobre os temas, quanto para efetivamente intervir de alguma forma em seus locais de trabalho. Ou seja, como discutir essa temática com os alunos do Ensino Fundamental se muitas vezes, os professores também estão inseridos em um contexto normativo e conservador que os limita a tratar o tema?

Entendemos que as questões sobre gênero e diversidade na educação não são trabalhadas pela aquisição de conteúdos conhecimentos ou ferramentas práticas. Mas, que isso se dá através de uma pedagogia da diferença conforme discutida especialmente por Guacira Lopes Louro (2004). Ou seja, caminhos de aprendizagens que se movem na perturbação das estruturas instituídas, no desejo de conhecer as experiências que nos estranham e fazem diferir. Nesse sentido, “A diferença não pede tolerância, respeito ou boa-vontade. A diferença, desrespeitosamente, simplesmente difere” (SILVA, 2002, p. 66).

Diante disso, o nosso objeto no projeto de extensão é fortalecer a relação entre as escolas selecionadas e a universidade, produzindo uma relação significativa para todos os sujeitos envolvidos. As questões que envolvem o tema das relações de gênero estão presentes no cotidiano escolar e a partir das ações, bolsistas e voluntários, poderão produzir juntos, a partir das discussões em torno de uma estratégia política cultural, um conhecimento reflexivo e significativo para a prática docente.

Os alunos participantes das ações são capazes de problematizar o seu contexto sócio cultural de maneira mais crítica, desconstruindo verdades cristalizadas que por tantos anos embasaram preconceitos e discriminações, muitas vezes alimentadas no próprio interior das escolas e currículos ensinados em sala de aula. São inúmeros os relatos sofridos no interior das próprias escolas envolvendo agressões e sequelas psicológicas graves por conta do desconhecimento e do pouco espaço que as escolas possuem para as discussões envolvendo a temática de gênero.

Assim, as relações de gênero e a sexualidade, longe de ser um fenômeno natural, é, ao contrário, profundamente suscetível às influências sociais e culturais. É a sociedade e a cultura que designam se determinadas práticas sexuais são apropriadas ou não, saudáveis ou doentias. Assim, conhecer os variados contextos históricos em que mudanças aconteceram com relação ao comportamento sexual e social dos indivíduos se faz necessário e urgente.

DESENVOLVIMENTO

Os objetivos que nortearam o projeto foram: Atuar nas escolas da rede pública do município de Cajazeiras propiciando um espaço de reflexão e ação junto as questões enunciadas no ensino de história através do projeto pautado nas relações de gênero, Analisar os conceitos de gênero e sexualidade, propondo um espaço reflexivo. Problematizar como a sexualidade e as relações de gênero partem de um lugar de relações de poder e por isso, representam intencionalidades e produzem saberes e valores.

A primeira escola em que o projeto iniciou as atividades foi uma escola da zona rural localizada no Sítio Cocos. Antes de iniciar o projeto, tivemos uma conversa com os professores e coordenadores pedagógicos que apresentaram interesse em participar das oficinas propostas.

A temática das diferenças sócio culturais coloca em pauta as diferenças em relação ao outro, e embora, sejam comuns a todos os grupos sociais, nem sempre foram assim compreendidas, ou seja, inúmeros exemplos históricos mostram como essas diferenças foram tratadas e destratadas. Segundo os Parâmetros Curriculares da Paraíba:

Na Escola, isso é evidente e se revela através de diversas práticas tanto dos educadores quanto dos pais e dos alunos. O famoso bullying, uma versão atualizada de diversos preconceitos enraizados na nossa sociedade e que

sempre se manifestaram nas escolas, agora ganha outra perspectiva de análise. O que antes estava naturalizado ou banalizado, como a discriminação de crianças por religião ou algum tipo de deficiência física, agora, graças aos diferentes movimentos e ações sociais, sofre críticas e recriminações; e alerta-se para a necessidade de combater preconceitos e conflitos, objetivando uma sociedade mais justa. Portanto, um dos principais objetivos deste documento é contribuir para que a comunidade escolar pense sobre as diversidades, preconceitos e conseqüentes conflitos que vive diariamente. A intenção é propiciar o conhecimento e a compreensão das diversidades por parte dos educadores, através de e um diálogo dentro da Escola sobre essas questões, contemplando o objetivo maior da sociedade cidadã: a igualdade na diferença. (PARAÍBA, 2010, p. 313).

Diante dessas discussões o projeto em questão pensou enquanto estratégia de política cultural, ou seja, de assumir uma posição a de “produzir uma visão política e um espaço de luta cultural” que vá de contra as práticas discursivas vigentes que estão atribuindo também outros significados a uma “realidade”. É o que Corazza (1997) nos propõe ao discutir sobre planejamento, trabalhar questões de gênero, mas não como complementos de conteúdos, como se fossem uma nota de rodapé em um imenso texto, mas abordar estes temas culturais de diversos lugares, de vários olhares e discursos.

Diversidade de gênero e sexualidade: essa temática contempla reflexões polêmicas, pois, referem-se a valores ainda arraigados em nossa sociedade tradicionalmente cristã e patriarcal, e assim muitas vezes machista e preconceituosa.

Esse tipo de preconceito revela equívocos e confusões conceituais. A população em geral confunde sexo com identidade de gênero; gênero com sexualidade, e assim por diante. Para estas pessoas, “mulher que é mulher gosta de homem” e “homem que é homem gosta de mulher”. Estas simplificações das identidades e sexualidade humanas geram desconfortos para quem não se encaixa em um padrão hegemônico construído historicamente por grupos sociais dominantes, que tem como referências homem “masculinizado” e mulher “feminina” heterossexuais. (PARAÍBA, 2010, p. 359)

A proposta apontada pelos Referenciais Curriculares da Paraíba é analisar algumas dessas categorias e conceitos como masculinidade, virilidade, feminilidade, heterossexualidade, homossexualidade, entre outros enquanto construções históricas que, como tal, emergiram e/ou se modificaram através do tempo e, portanto, não representam identidades fixas e universalizantes.

A partir dos objetivos elencados se faz necessário o conhecimento de determinados conceitos imprescindíveis para se trabalhar com a temática da diversidade de gênero e sexualidade:

- **DIFERENÇA:** condição, estado, qualidade daquele ou daquilo que é desigual. No que se refere a diversidades e direitos humanos, a diferença é o estado do que não representa um padrão, pode ser ele físico, sexual, de gênero, étnico, sociolinguístico, religioso ou cognitivo. E a desigualdade refere-se à discriminação, a uma hierarquização que pode estar relacionada à questão socioeconômica ou à questão de ação de direitos. Assim, grupos considerados diferentes diante de um padrão pré-estabelecido, muitas vezes, são tratados de forma desigual perante a lei, ou são excluídos do mercado de trabalho. Por exemplo, quando pessoas portadoras de determinadas deficiências físicas ou homossexuais são impedidos de exercer uma profissão, mesmo estando aptos para tal, ou são tratados de forma desrespeitosa na Escola.

- **DIVERSIDADE:** qualidade daquilo que apresenta aspectos ou tipos diferentes; que é diverso, diferente do outro; do que, por determinado aspecto, não se identifica com algum outro. Este termo está relacionado com variedade ou multiplicidade de situações sociais, econômicas, políticas e culturais em que, nesse caso, não deve pressupor uma hierarquia ou desigualdade na diferença. A variedade deve ser colocada como parte constitutiva da sociedade

- **IDENTIDADE:** a noção de identidade é abordada por diversas áreas do conhecimento e podem ser apontados vários tipos identitários. Pode-se dizer que se trata de um sistema de representação simbólica que permite a construção do “eu”, quando o indivíduo se percebe semelhante a si próprio e diferente dos outros, na tentativa de compreensão de sua própria posição no mundo. Esse sistema de representação, que busca a construção do eu individual, também é coletivo, uma vez que essas representações são também constituídas histórica e socialmente. Portanto, identidade pode ser entendida como um conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa (identidade pessoal), de um grupo (identidade grupal) ou de uma sociedade (identidade coletiva), e está relacionada àquilo que denominamos de cultura.

- Heterossexual: que sente atração sexual por pessoas do sexo oposto e só com elas mantém relações sexuais ou afetivo-sexuais.
- Homoerótico: que sente atração por e/ou tem relações sexuais ou afetivo-sexuais com pessoas do mesmo sexo.
- LGBT: Lésbicas, Gays, Bissexuais, e Transgêneros:
- Lésbica: mulher de orientação sexual⁷⁵ homoerótica, ou seja, que se relaciona sexual ou afetivo-sexualmente com outras mulheres.
- Gay: homem de orientação homoerótico, ou seja, que se relaciona sexual ou afetivo sexualmente com outros homens.
- Bissexual: pessoa que se sente sexualmente atraído/a por ambos os sexos e se relaciona sexual e afetivo-sexualmente com homens e mulheres.
- Trans: inicialmente a letra “T” era utilizada para identificar travestis e/ou transexuais. Atualmente, é utilizada para identificar uma categoria mais abrangente de pessoas, os transgêneros. Embora representem sexualidades diferenciadas, pode-se dizer, de maneira genérica e a partir da identidade de gênero, que são pessoas que não experimentam concordância entre identidade sexual e de gênero segundo a norma macho-masculino e fêmea-feminina. Estas pessoas buscam, de forma diferenciada, modificação no corpo e nos nomes.
- Identidade de gênero: como mulheres e homens constroem a sua feminilidade/masculinidade - como se vêem e se representam. Por exemplo: uma pessoa, embora tenha sexo ou morfologia masculina, pode se sentir e se representar com características atribuídas à feminilidade (identidade de gênero). Porém, esta identidade feminina não se relaciona diretamente com uma identidade sexual. Identidade de gênero é diferente de sexo, que é diferente de identidade sexual, que por sua vez é diferente de sexualidade.
- Identidade sexual: uma pessoa (independentemente de uma identidade de gênero) pode se identificar sexualmente com um homem ou com uma mulher, ou seja, se interessar por outra mulher ou por outro homem. Não existe uma identidade sexual única e nem fixa. Pode-se dizer que a sexualidade é mais ampla, representa a vontade, o desejo, os prazeres, e está mais relacionada ao desejo.

- Homofobia: manifestação de preconceito discriminatório e excludente, representado e diversas formas contra pessoas homoeróticas pertencentes ao grupo denominado de LGBT. Também se refere a preconceitos e violências contra pessoas heterossexuais cujas expressões de feminilidade e masculinidade não se enquadram no padrão de comportamento de gênero e sexualidade.

Todos esses conceitos foram retirados da discussão realizada nos Parâmetros curriculares da Paraíba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Nesta perspectiva, a operacionalização do projeto nas escolas se dá junto a um público amplo e diverso em que as temáticas elencadas proporcionem a ampliação dos conteúdos e também da docência nas escolas. A promoção da tolerância e do respeito mútuo compõe o instrumental metodológico e operacional dessa proposta e, não apenas na base das diferenças ou das identidades, mas também, na perspectiva das manifestações culturais, nos gostos, nas músicas, nas imagens representativas do outro, na mídia, nos jargões, entre outros.

O projeto foi iniciado nas turmas de 6º a 9º ano do Ensino Fundamental e contou com a participação de dois bolsistas e um voluntário. A metodologia utilizada para a realização do projeto foi baseada em encontros que compreendeu os princípios teóricos discutidos e analisados na elaboração desse projeto. Para atingir essa proposta os encontros foram e serão pautados na utilização de diversas linguagens culturais, como música, paródias, imagens, presentes no cotidiano do discente.

Esses recursos não serão utilizados como mera ilustração, mas como material a ser questionado, lugar de produção, objetivos e interesses neles contidos. Nessa perspectiva, a música especificamente nesse projeto será a linguagem que nos permitirá pensar como os conceitos de gênero e sexualidade são pensados e entendidos por um determinado grupo social que produz e consome esse artefato cultural. Através da música que faz parte do presente dos alunos iremos problematizar os conceitos de masculinidade e feminilidade que são atribuídas nelas. Questões como machismo, patriarcalismo e mudanças de lugares sociais para homens e mulheres serão temas dessa discussão. Ao problematizarmos como as relações de gênero e a sexualidade são apropriadas nas músicas contemporâneas não perderemos de

vista como essas mesmas questões eram percebidas em outros contextos históricos, enfatizando que tais conceitos pertencem ao seu tempo histórico e por isso, não são naturalizados e eternos em nossa sociedade.

Além da música, os filmes serão outro recurso a serem utilizados, assim como, imagens, propagandas, novelas e relatos pessoais. Também pretendemos organizar palestras e debates que envolvam os professores e a comunidade escolar, em especial os pais, já que a temática em questão pode gerar alguns conflitos, pensamos também em convidar representantes de várias entidades que tratam dos direitos das mulheres, bem como, de outros grupos marginalizados pela orientação sexual ou identidade de gênero.

Esse material será pensado a partir de oficinas. A metodologia de oficina pedagógica é um espaço de construção coletiva do conhecimento, de análise da realidade, de confrontos e trocas de experiências. Nesta metodologia, ver, saber, comprometer-se e agir em torno de uma problemática são ações fundamentais, conforme define Candau (1995). A metodologia da oficina pedagógica é constituída pelos seguintes momentos: a) sensibilização sobre as relações de gênero na nossa sociedade; b) definição, produção e aprofundamento dos temas de cada oficina pedagógica; c) a produção de novos conhecimentos na vivência das oficinas pedagógicas na escola e na reflexão sobre as experiências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha e SOIHET, Rachel (Orgs.) **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Pólvora, 2003.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BLOCH, Marc. **Apologia da História: ou ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001

CABRINI, Conceição. (Org.) **Ensino de História: revisão urgente**. São Paulo: EDUC, 2000.

CADERNOS DE HISTÓRIA v. 6. nº 6, Uberlândia, MG: UFU/DH/LEAH. 159 p.

CANDAU, Vera Maria (org). **Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CORAZZA, Sandra Mara. Planejamento de ensino como estratégia de política cultural. In: MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa (org.). **Currículo: Questões atuais**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

_____. **Labirintos da pesquisa**, diante dos ferrolhos. IN: COSTA M V.(org.). **Caminhos Investigativos**. Porto Alegre: Mediação,1996.

COSTA, Marisa Vorraber. Currículo e Política Cultural. In: **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2004.

_____. **Caminhos da História Ensinada**. 7. ed. Campinas: Papirus, 1993.

FONSECA, Thais Nívia de Lima. **História e ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GONÇALVES, Regina Célia e CITTADINO, Monique. **Historiografia em diversidade: Ensaio de História e Ensino de História**. Campina Grande: EDUFCEG, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

LOPES, Alice C.; MACEDO, Elisabeth (Orgs.). **Currículo: debates contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2003.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MONTELLATO, Andréa Rodrigues Dias et alli. **História temática: Diversidade cultural e conflitos**. São Paulo: Scipione, 2000.

MOREIRA, A. F. (org.). **Currículo: questões atuais**. São Paulo: Papirus 1997.

PARAÍBA, Secretaria de Educação e Cultura/ Gerência Executiva da Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental: Ciências Humanas, Ensino Religioso e Diversidade Sociocultural**. João Pessoa: SEC/Grafset, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis** -Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SAID, Edward W. Orientalismo. **O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SILVA, Tomaz (org.) **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis Vozes, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu e MOREIRA, Antonio Flávio (orgs.) **Territórios Contestados** – O currículo e os novos mapas políticos e culturais.

_____. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2002. 2 ed. Belo Horizonte, Autêntica.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SKLIAR, Carlos. A educação que se pergunta pelos outros e se o outro não estivesse aqui? In: MACEDO, Elizabeth (org.). **Currículos**: debates contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2002.